

Homilia do Cardeal Ratzinger

Homilia da Missa das exéquias do Romano Pontífice João Paulo II pronunciada pelo cardeal Ratzinger num dia histórico. "Ofereceu a sua vida a Deus pelas suas ovelhas e por toda a família humana", afirmou.

13/04/2005

"Segue-me", diz o Senhor ressuscitado a Pedro, como sua última palavra a este discípulo, escolhido para apascentar as suas ovelhas. "Segue-me" esta palavra

lapidária de Cristo pode ser considerada a chave para compreender a mensagem que vem da vida do nosso saudoso e amado Papa João Paulo II, cujos despojos mortais hoje depomos na terra como semente de imortalidade o coração cheio de tristeza, mas também de jubilosa esperança e profunda gratidão.

São estes os sentimentos do nosso ânimo, Irmãos e Irmãs em Cristo, presentes na Praça de São Pedro, nas estradas adjacentes e em diversos outros lugares da cidade de Roma, povoada nestes dias por uma imensa multidão silenciosa e orante. A todos saúdo cordialmente. Também em nome do Colégio dos Cardeais, desejo dirigir a minha deferente saudação aos Chefes de Estado, de Governo e às Delegações dos vários Países. Saúdo as Autoridades e os Representantes das Igrejas e Comunidades cristãs, assim como das

diversas religiões. Saúdo depois os Arcebispos, os Bispos, os sacerdotes, os religiosos, as religiosas e todos os fiéis que vieram dos cinco Continentes; de modo especial os jovens, que João Paulo II gostava de definir como futuro e esperança da Igreja. A minha saudação alcança também aqueles que, em todo o mundo, estão unidos a nós através da rádio e da televisão nesta coral participação no solene rito de despedida do amado Pontífice.

"Segue-me" quando era jovem estudante Karol Wojtyla entusiasmava-se com a leitura, o teatro, a poesia. Trabalhando numa fábrica química, circundado e ameaçado pelo terror nazi, ouviu a voz do Senhor: "Segue-me"! Neste contexto muito particular começou a ler livros de filosofia e de teologia, entrando depois no Seminário clandestino criado pelo Cardeal Sapieha e, depois da guerra, pôde

completar os seus estudos na faculdade teológica da Universidade Jagelónica de Cracóvia. Muitas vezes nas suas cartas aos sacerdotes e nos seus livros autobiográficos falou-nos do seu sacerdócio, para o qual foi ordenado a 1 de Novembro de 1946. Nestes textos interpreta o seu sacerdócio particular a partir de três palavras do Senhor. Em primeiro lugar, esta: "Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e dar fruto, e fruto que permaneça" (Jo 15, 16). A segunda palavra é: "O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (Jo 10, 11). E finalmente: "Assim como o Pai me tem amor, assim eu vos amo a vós. Permanecki no amor" (Jo 15, 9). Vemos nestas três frases toda a alma do nosso Santo Padre. Ele foi real e incansavelmente a todas as partes para levar fruto, um fruto que permanece. "Levantai-vos, vamos!", é o título do seu penúltimo livro. "Levantai-vos, vamos!" com estas

palavras despertou-nos de uma fé cansada, do sono dos discípulos de ontem e de hoje. "Levantai-vos, vamos!" diz-nos também hoje a nós. O Santo Padre depois foi sacerdote até ao fim, porque ofereceu a sua vida a Deus pelas suas ovelhas e por toda a família humana, numa doação quotidiana ao serviço da Igreja e sobretudo nas difíceis provas dos últimos meses. Assim tornou-se uma só coisa com Cristo, o bom pastor que ama as suas ovelhas. E por fim, "permanecei no meu amor": o Papa que procurou o encontro com todos, que teve uma capacidade de perdão e de abertura do coração a todos, diz-nos, também hoje, com estas palavras do Senhor: Habitando no amor de Cristo aprendemos, na escola de Cristo, a arte do verdadeiro amor.

"Segue-me"! Em Julho de 1958 começa para o jovem Karol Wojtila uma nova etapa no caminho com o

Senhor e no seu seguimento. Karol foi, como de costume, com um grupo de jovens apaixonados de canoa aos lagos Masuri para umas férias a transcorrer juntos. Mas levava consigo uma carta que o convidava a apresentar-se ao Primaz da Polónia, Cardeal Wyszynski e podia adivinhar a finalidade do encontro: a sua nomeação para Bispo Auxiliar de Cracóvia. Deixar o ensino académico, deixar esta estimulante comunhão com os jovens, deixar a grande arena intelectual para conhecer e interpretar o mistério da criatura homem, para tornar presente no mundo de hoje a interpretação cristã do nosso ser, tudo isto lhe devia parecer um perder-se a si mesmo, perder precisamente quanto se tinha tornado a identidade humana deste jovem sacerdote. "Segue-me"! Karol Wojtyla aceitou, sentindo na chamada da Igreja a voz de Cristo. E depois deu-se conta de quanto é verdadeira a palavra do Senhor:

"Quem procurar salvar a vida há-de perdê-la; e quem a perder, há-de conservá-la" (Lc 17, 33). O nosso Papa, todos nós o sabemos, nunca quis salvar a própria vida, tê-la para si; quis oferecer-se a si mesmo sem limites, até ao último momento, por Cristo e também por nós.

Precisamente desta forma pôde experimentar como tudo o que confiara nas mãos do Senhor voltou de novo: o amor à palavra, à poesia, às letras foi uma parte essencial da sua missão pastoral e deu renovado vigor, renovada actualidade, renovada atracção ao anúncio deste sinal de contradição.

"Segue-me"! Em Outubro de 1978 o Cardeal Wojtyla ouviu de novo a voz do Senhor. Renova-se o diálogo com Pedro narrado no Evangelho desta celebração: "Simão, Filho de João, tu amas-Me? Apascenta as minhas ovelhas!". À pergunta do Senhor: Karol, tu amas-Me?, o Arcebispo de

Cracóvia respondeu do fundo do seu coração: "Senhor, tu sabes tudo, sabes que te amo". O amor de Cristo foi a força dominante do nosso amado Santo Padre; quem o viu rezar, quem o ouviu pregar, bem o sabe. E assim, graças a este profundo radicamento em Cristo pôde carregar um peso, que vai além das forças meramente humanas: ser pastor do rebanho de Cristo, da sua Igreja universal. Este não é o momento para falar de cada um dos conteúdos deste Pontificado tão rico. Gostaria apenas de ler dois trechos da liturgia de hoje, nos quais se encontram elementos centrais do seu anúncio. Na primeira leitura São Pedro, e o Papa com São Pedro, diz-nos: "Reconheço, na verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável. Enviou a sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a Boa-Nova da paz, por Jesus Cristo, Ele

que é Senhor de todos" (Act 10, 34-36). E, na segunda leitura, São Paulo e com São Paulo o nosso Papa defunto exorta-nos em voz alta: "Meus caríssimos e saudosos irmãos, minha coroa e alegria, permanecei assim firmes no Senhor, caríssimos" (Fl 4, 1).

"Segue-me"! Juntamente com o mandato de apascentar o seu rebanho, Cristo anunciou a Pedro o seu martírio. Com esta palavra conclusiva e recapitulativa do diálogo sobre o amor e sobre o mandato de pastor universal, o Senhor recorda outro diálogo, tido no contexto da última ceia. Nele, Jesus dissera: "Para onde Eu vou, vós não podeis ir". Disse Pedro: "Senhor, para onde vais?". Jesus respondeu-lhe: "Não podes seguir-me agora aonde eu vou; mas me seguirás mais tarde" (Jo 13, 33.36). Jesus, da ceia vai para a cruz, para a ressurreição, entra no mistério pascal; Pedro ainda

não o pode seguir. Agora depois da ressurreição chegou este momento, este "mais tarde". Apascentando o rebanho de Cristo, Pedro entra no mistério pascal, encaminha-se para a cruz e para a ressurreição. O Senhor diz isto com as seguintes palavras, "... quando eras mais novo... ias onde querias, mas quando fores velho, estenderás as mãos e outro há-de atar o cinto e levar-te para onde não queres" (Jo 21, 18). No primeiro período do seu pontificado o Santo Padre, ainda jovem e cheio de forças, sob a guia de Cristo ia até aos confins do mundo. Mas depois, entrou cada vez mais na comunhão dos sofrimentos de Cristo, compreendeu cada vez mais a verdade das palavras: "Outro há-de atar o cinto...". E precisamente nesta comunhão com o Senhor sofredor anunciou incansavelmente e com renovada intensidade o Evangelho, o mistério do amor que vai até ao fim (cf. Jo 13, 1).

Ele interpretou para nós o mistério pascal como mistério da divina misericórdia. Escreveu no seu último livro: o limite imposto ao mal "é definitivamente a divina misericórdia" (Memória e identidade, pág. 70). E reflectindo sobre o atentado diz, "Cristo, ao sofrer por todos nós, conferiu um novo sentido ao sofrimento; introduziu aquele amor numa nova dimensão, numa nova ordem... E o sofrimento que queima e consome o mal com o fogo do amor e haure também do pecado um florescimento de bem" (pág. 199). Animado por esta visão, o Papa sofreu e amou em comunhão com Cristo e foi por isso que a mensagem do seu sofrimento e do seu silêncio foi tão eloquente e fecundo.

Divina Misericórdia: o Santo Padre encontrou um reflexo mais puro da misericórdia de Deus na Mãe de Deus. Ele, que ainda em tenra idade perdeu a mãe, amou muito mais a

Mãe divina. Ouviu as palavras do Senhor crucificado como se fossem ditas precisamente a ele: "Eis a tua mãe!". E fez como o discípulo predilecto: acolheu-a no íntimo do seu ser, *Totus tuus*. E da mãe aprendeu a conformar-se com Cristo.

Para todos nós permanece inesquecível como neste último domingo de Páscoa da sua vida, o Santo Padre, marcado pelo sofrimento, se mostrou mais uma vez da janela do Palácio Apostólico e pela última vez deu a bênção "Urbi et Orbi". Podemos ter a certeza de que o nosso amado Papa agora está na janela da casa do Pai, vê-nos e abençoa-nos. Sim, abençoe-nos, Santo Padre. Nós confiamos a tua amada alma à Mãe de Deus, tua Mãe, que te guiou todos os dias e te Guiará agora à glória eterna do Seu Filho, Jesus Cristo nosso Senhor. Ámen.

Praça de São Pedro, 8 de Abril de
2005

www.vatican.va

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/homilia-do-cardeal-ratzinger/> (23/01/2026)